Breve retrato do processo de legitimação dos estudos de Ficção Científica nos Estados Unidos

Willian Perpétuo Busch
busch.wpb@gmail.com
Doutorando em História
Universidade Federal do Paraná
http://lattes.cnpq.br/6504913432035461

Resumo: A Ficção Científica experimentou um processo de transição ao longo da segunda metade do século XX. Outrora uma literatura de nicho, a partir do trabalho de diferentes críticos ela conquistou um espaço dentro das universidades norte-americanas. O objetivo deste trabalho é discutir como algumas destas aproximações foram estabelecidas e se desenvolveram. Assim, visamos compreender como a legitimação da Ficção Científica foi multifacetada e composta por diferentes pontos de vista e propostas de interpretação.

Palavras-chave: História da Ficção Científica. História dos Estados Unidos. Teoria Literária. História das Ciências nos Estados Unidos

Abstract: Science Fiction was the site of a major process of transition during almost half of the XX century. Once consider was a literature that was recluse to certain groups, after the work of the critics and scholars, Science Fiction manage to conquer a space in the United States academic scene. The aim of this text is to discuss some of these approximations and how they worked. By doing so our goal is to understand how the process of legitimization of Science Fiction has plural and structured by very different points of view and ideas of interpretation.

Keywords: History of Science Fiction. History of United States. Literary Theory. History of Sciences in the United States.

Introdução

Ofertar ao leitor um "breve retrato" do "processo de legitimação" dos estudos de Ficção Científica nos Estados Unidos é uma tarefa complexa e, por definição, parcial. Diferente duma abrangência panorâmica, que poderia contar com dezenas de participantes, humanos e não humanos, o nosso "retrato" é *menor* e habitado por alguns poucos: James O. Bailey, Willy Ley, Thomas Clareson e Darko Suvin. Alertamos que outros nomes foram fundamentais nesse processo, como James Gunn, Gary K. Wolfe e Richard Dale Mullen, e que, duma maneira desastrada, mas bem intencionada, podemos por hora apenas indicar com um breve e tímido aceno.

Na primeira parte deste capítulo iremos abordar o "processo de legitimação" e como os estudos sobre Ficção Científica que ocorriam fora das universidades operavam. Trataremos também do primeiro contato entre os críticos na década de 1940, para evidenciar qual dinâmica foi produzida, para depois ser operacionalizada nos anos seguintes e desfeita. Entre os nomes principais desta primeira etapa, indicamos James O. Bailey, Willy Ley e Thomas Clareson.

O segundo bloco do capítulo contextualiza algumas das mudanças na Ficção Científica para adentrar no pensamento de Darko Suvin como um dos marcos para a entrada destes estudos

no espaço universitário na década de 1970. Iremos expor como a sua definição conceitual foi produzida e quais as suas modalidades operacionais, para finalizar com a análise duma crítica feita por Suvin para Clareson.[146]

1

O que caracterizamos por "processo de legitimação" dos estudos de Ficção Científica não passa duma nomenclatura rebuscada para algo que, apesar de parecer simples, não é: como a Ficção Científica, vista como uma literatura com pouco prestígio e consumida pelas massas[147], tornou-se um objeto de estudo nas universidades norte-americanas? A "legitimação", como um processo, não é nada mais do que um conjunto de estratégias discursivas e debates que foram produzidos por sujeitos que tinham algum envolvimento acadêmico.

Ora, estudar a Ficção Científica não era uma novidade. As revistas de Hugo Gernsback, F. Orlin Tremaine, John W. Campbell, entre outros, eram repletas de cartas dos leitores (frequentemente também autores). A comunidade que editava, escrevia e lia tais revistas já produzia, por si, um "estudo nativo". Alguns destes, como Robert Heinlein, Isaac Asimov, Campbell, por exemplo, tinham frequentado (ou participavam ativamente) do ambiente universitário. A legitimação da Ficção Científica para estes grupos era produzida, circulava e resolvida nas revistas.[148]

A legitimação que queremos retratar tem relação com essa, mas uma dinâmica ligeiramente diferente. Antes de seguir, apontamos para o estudo sistemático e extenso dessa literatura produzida nas revistas, realizado por Mike Ashley com um recorte que cobriu os movimentos literários europeus e como estes ganharam uma nova dinâmica nos Estados Unidos a partir da década de 1920 e seguiram se transformando até os anos 1990. Do primeiro volume, de 2000, passando pelo segundo de 2005, bem como no terceiro de 2007 e o mais recente, de 2016, Ashley correlaciona as revistas, as estratégias editoriais, a transição para os livros e o advento da Internet como elementos situados historicamente e com impactos na literatura.

Tom Shippey (2002) apontara que o período entre 1950 e 1970, fundamental para a literatura de Ficção Científica, tanto por conta de mudanças internas quanto externas, não contava com um

---

146 Visando suprimir as faltas causadas pelas nossas limitações argumentativas e materiais, indicaremos outros nomes que também contribuíram para a legitimação da Ficção Científica como objeto de estudo.

147 Essa era a aceptação geral do lugar social da Ficção Científica e das HQs pelo senso-comum norte-americano.

148 O que não significava que o restante da população norte-americana consumia ou se interessava por esse material. O uso do pseudônimo poderia, ocasionalmente, ser fruto da tentativa de ocultar o consumo e escrita desta literatura para outros.

desenvolvimento da crítica acadêmica. A legitimação da Ficção Científica era a construção e o assentamento dum conhecimento literário auto-referente.

O misterioso Santo Graal da Ficção Científica – o autor ou autora responsável pela sua origem – tornou-se um dos temas quando a crítica acadêmica se aproximou. A atribuição da paternidade para Jules Verne, H.G. Wells, Edgar Allan Poe e Mary Shelley, foram compostas nesse período. Verne, Wells e Poe eram opções recorrentes, uma vez que as revistas constantemente publicavam os seus textos[149]. O caso de Mary Shelley foi proposto e defendido por Brian Aldiss em 1973, num livro que visava ser a *primeira história* do gênero. A atribuição não era, nem de longe, feita de modo gratuito e era disposta num horizonte da tradição textual que conectava a Ficção Científica e o Romantismo. O antropólogo Leon Stover, em 1972, afirmou que a invenção era norte-americana por excelência, com Hugo Gernsback responsável pelo pontapé inicial e Campbell pelo seu desenvolvimento posterior[150].

A definição pela história da Ficção Científica implicava numa proposta conceitual. Nos "estudos nativos" referenciados anteriormente, a cisão entre Ficção Científica e Fantasia (ou a sua junção), era resolvida pelos editores. Campbell, para a Astounding Stories, publicava histórias que entendia serem de Ficção Científica, enquanto uma outra revista, *Unknown*, tinha uma abertura maior para o fantástico. O declínio das revistas no pós-guerra e a substituição por livros, ainda contava com o martelo do editor e uma consideração de público-alvo – demanda das editoras.[151]

A definição conceitual da Ficção Científica tem uma função metodológica evidente. Uma vez modulada, será a partir dela que o crítico irá definir quais obras que irá (ou não) analisar e discutir. Na década de 1940, num momento que as revistas experimentavam um crescimento regular, apesar do conflito na Europa, James Osley Bailey (1903 – 1979) protagonizou um deslocamento em direção ao ambiente universitário. No periódico *American Literature*, em 1942, Bailey argumentou que a obra *Symzonia: A Voyage of Discovery*, de 1820, havia sido escrita por John Cleves Symmes, Jr. (1780-1829) e representava o uso da literatura como instrumento de divulgação científica. O argumento foi desenvolvido por Bailey em 1947 e fez parte duma obra que ocuparia o posto de precursora nos estudos acadêmicos de Ficção Científica: *Pilgrims Through*

---

149 A *impressão* que tivemos e que poderiam resultar num aprofundamento analítico interessante é a relação entre a defesa dum autor e a sua nacionalidade com as preferências do seu defensor. Supondo um crítico imaginário que goste de literatura francesa, o seu argumento tentará traçar algum protagonismo para Verne, enquanto outro crítico, também imaginário, com preferências direcionadas a literatura norte-americana, será sensível aos trabalhos de Edgar Allan Poe, por exemplo. A defesa apaixonada de Aldiss por Mary Shelley parece ganhar uma nova camada de sentido quando lembramos a nacionalidade partilhada entre a autora e o crítico (que também era autor).

150 Stover foi o primeiro no espaço acadêmico em defender Gernsback e Campbell. Todavia, argumentos deste tipo já existiam desde a década de 1950, como era o caso de Sam Moskowitz, por exemplo.

151 Além os trabalhos de Ashley citados, indicamos a nossa dissertação de mestrado (2019), bem como a monumental *Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction* (2016) de Alec Nevala-Lee.

Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Literature. A importância deste texto seria construída ao longo dos anos, como em 1951 por James Gunn (2018) e depois em 1970 pela *Science Fiction Research Association*, que criou o prêmio *Pilgrim Award*.

O texto de Bailey era fruto de sua trajetória acadêmica, construída majoritariamente dentro da University of North Carolina. Nesta instituição obteve o seu bacharel, em 1924, e em 1927 defendeu uma dissertação de mestrado focada em H.G. Wells. Completou o doutorado na sequência, em 1934, com uma tese que estendia as questões de Wells em vista da literatura inglesa do período Vitoriano. Bailey trabalhou como professor na Wofford College, em Spartanburg, South Carolina, e posteriormente passou a integrar o Departamento de Inglês da University of North Carolina.

Em 1948, *Pilgrims* foi resenhado por Willy Otto Oskar Ley (1906 – 1969), na *Astounding Science Fiction*. Digno de nota que essa avaliação da obra de Bailey teve um teor (ou um sabor) acadêmico importante, e configurou um aspecto constitutivo do que estava envolvido na prática de legitimação do campo. A resenha foi um momento de encontro entre uma produção oriunda do cenário acadêmico e a opinião de alguém que estava envolvido nas revistas de Ficção Científica.

Ponto de tensão e conflito, a trajetória de Ley corrobora para apresentar outro caminho possível para a construção do pertencimento ao campo. Oriundo da Alemanha, Ley estudou diferentes ciências na Friedrich-Wilhelms-Universität, atualmente Humboldt-Universität zu Berlin. Seus tópicos de interesse variavam da Paleontologia e Zoologia até a Física e Astronomia. Marcado por uma postura autodidata, Ley tinha uma postura neo-Humboldtiana, que almejava a ciência como uma totalidade.(BUSS, 2017, p. 26)

O desenvolvimento dos foguetes e a proposta de exploração espacial não passaram despercebidos para o jovem Ley. Participando de associações e produzindo vários textos que almejavam a divulgação científica, o entusiasta foi contratado por Fritz Lang para ser um assessor técnico das representações científicas de um filme que estava sendo produzido pelo diretor: *Die Frau im Mond* (1929). Após a tomada de poder pelos nazistas, a situação de Ley mudou e ele optou por fugir da Alemanha. Em 1935, chegou a Londres e de lá seguiu para os EUA. Seu conhecimento científico foi empregado pelo estado norte-americano e em 1936 assumiu a supervisão de um projeto que almejava distribuir correspondências usando foguetes.

Quatro anos antes de resenhar o texto de Bailey, em 1944, Ley publicou *Rockets – The Future of Travel Beyond the Stratosphere* que tratava do funcionamento dos foguetes e de perspectivas de exploração espacial. Assim, o encontro de Ley com Bailey não foi apenas entre o cenário

acadêmico e o público especializado, mas entre duas pessoas que, apesar de ocuparem áreas distintas na sociedade, estavam de algum modo envolvidas com ciência.

Ley foi detalhista em sua análise de *Pilgrim*, atentando para demarcar a importância material e intelectual daquele trabalho, bem como sua editora de origem, a Argus Book, que fazia sua estreia. Outro ponto enfatizado é a trajetória de Bailey e como o livro era composto por um conjunto de recortes de seu mestrado, e depois do doutorado. Para Ley, que esteve desde cedo envolvido com divulgação científica, isso era altamente problemático por dois motivos.

O primeiro era que a proposta de Bailey estava restrita a poucos autores, como Wells, Poe, Stapledon e Verne e, o segundo, era a ausência de estilo na escrita, ao ponto do resenhista tecer um comentário ácido: "Dr. Bailey parece ser um exemplo categórico de um Doutor de Literatura desprovido de qualquer senso de humor[152]". Ley(também discutiu a proposta de interpretação que ganhava forma ali. Voltamos para a ideia de Bailey na qual o autor de *Symzonia* teria sido Symmes. A teoria da Terra Oca não era uma proposta original, mas algo que já havia sido discutido por Edmund Halley (1656-1742) e que, no entender do resenhista, Bailey parecia desconhecer.

Outra ausência, ao entender de Ley, materializou-se em outros autores que poderiam ser utilizados para se pensar na origem da Ficção Científica, tais como Alexey Tolstoi (1883-1945)[153], Kurd Lasswitz (1848-1910), Hans Dominick (1872-1945) e vários outros. E, conforme vimos, o resenhista tinha participado na produção de um filme de Ficção Científica, e esse tipo de mídia também foi ignorado por Bailey. As ausências em termos históricos revelam um segundo conjunto identificado por Ley. Isto é, autores contemporâneos, como Asimov, Campbell, de Camp, Heinlein, entre outros. Tal agrupamento pode ser percebido, em linhas gerais, como o núcleo de pessoas que estavam envolvidas com a Ficção Científica norte-americana do período, e no entender do resenhista, tinham óbvia importância. Ley também não ficou satisfeito com a maneira pela qual autores, como Burroughs e Otis Adalbert Klin são citados por Bailey. As histórias escolhidas destes, em nenhum dos casos, parece representar em termos individuais o que de melhor estes haviam feito.

Percebe-se, a partir da proposta de Bailey e da recepção/reação de Ley, que o contato entre o campo acadêmico e a Ficção Científica, que na época circulava nas revistas, não pode ser pensado em vista de uma posição horizontal. Não há, de um lado, o sujeito acadêmico que é dotado do saber e do outro um receptor amorfo e passivo. Pelo contrário, é o choque entre dois sujeitos que detêm trajetórias acadêmicas e que ocupam posições específicas. Bailey detinha a

---

152 No original: "Dr. Bailey seems to be an outstanding example of a Doctor of Literature minus any sense of humor." (LEY, 1948, p. 154) Tradução nossa.
153 A obra de Tolstoi chegaria ao cinema soviético com *Aelita* em 1924, com direção de Yakov Protazanov.

posição de um doutor em Letras e, posteriormente, de professor universitário. Já Ley era um cientista com interesses variados, que era reconhecido como propagador das ciências, mas também como escritor de Ficção Científica. Ser o resenhista na Astounding Science Fiction implicava que a figura chefe, o editor Campbell, concordava (ou ao menos era favorável) às opiniões de Ley.

As críticas presentes na resenha de Ley exclamam para uma tipologia que pode ser instrutiva para a compreensão do processo de legitimação. O que ganhava contorno era uma definição da Ficção Científica. Essa não era estável e dada de antemão, mas construída a partir dos autores que o crítico utilizaria para traçar a historicidade do gênero, bem como sua circulação coetânea. Produzir uma história que valida tais autores e recusa outros, era o núcleo da legitimação e na medida em que isso era feito, também se colocava em questão como interpretar e divulgar tal material.

No que se refere à interpretação, isto aparece em Ley na medida em que as omissões de Bailey são apresentadas, como também quais autores e histórias são escolhidos e as implicações de tal prática. Já a divulgação, e esse nos parece ser um interesse que reflete principalmente na trajetória de Ley, está na produção de um estilo que fosse capaz de circular para o público geral e não apenas no setor acadêmico. As críticas presentes na resenha de Ley[154] exclamam uma tipologia que pode ser instrutiva para a compreensão do processo de legitimação. O que ganhava contorno era uma definição da Ficção Científica que não era estável e dada de antemão, mas construída a partir dos autores que o crítico utilizaria para traçar a historicidade do gênero, bem como sua circulação coetânea. Produzir uma história que valida tais autores e recusa outros, era o núcleo da legitimação e se colocava em questão como interpretar e divulgar tal material.

O estudo acadêmico da Ficção Científica, produzido por Bailey, foi barrado pelo estudo da Ficção Científica "nativo" de Ley. Impulsionados pelo GI Bill, os veteranos norte-americanos se inscreveram e passaram a ocupar posições de pesquisa e ensino nas universidades. Os estudos de Ficção Científica seriam impactados exponencialmente por esse novo contexto. (GRAFF, 2007; METTLER, 2005; SEED, 2010)

Em 1951, a primeira tentativa de reabilitação do trabalho de Bailey foi realizada por um veterano da guerra, James Gunn, que realizou o seu mestrado em Inglês na Northwestern University, com uma dissertação sobre Ficção Científica. Partes deste trabalho foram publicados na *Dynamic Science Fiction*, uma revista de Ficção Científica. Alguns anos antes, em 1949, Thomas D. Clareson, havia finalizado o seu mestrado na Indiana University e viria a receber o título de doutor em 1956 pela University of Pennsylvania. Clareson, que em 1970 fundaria a *Science Fiction*

---

154 *Ibid.*

Research Association, publicou em 1953 um artigo na *Science Fiction Quarterly*, outra revista de Ficção Científica, e em 1959, Clareson seria o fundador da *Extrapolation: An Annotated Checklist of American Science-Fiction 1880-1915*, tendo como sede o College of Wooster e o Depatamento de Inglês, onde lecionava.

Em 1958, junto com Edward S. Lauterbach da Purdue University, Clareson organizou um painel e uma conferência sobre Ficção Científica na Modern Language Association of America. A *Extrapolation*, entre 1959 e 1970, manteria uma forma de veiculação de resenhas, junto com anúncios de eventos e publicações. Todavia, a partir de 1970, assumiu uma forma de periódico acadêmico, recebendo artigos sobre Ficção Científica e Fantasia. Quando a *SFRA* despontou sob o comando de Clareson, possuía um periódico de divulgação, o *The Newsletter, The Review* que posteriormente veio a ser conhecido como *SFRA Newsletter*. Ali, novos títulos de Ficção Científica, tanto de literatura, teoria ou história eram divulgados. O que Clareson fez foi integrar a *ETP*, que já existia há onze anos, dentro da *SFRA* e com isso aumentar significativamente seu público, além de fazer circular em paralelo com a *Newsletter*. Desta forma, a *SFRA*, enquanto primeira organização direcionada ao estudo de Ficção Científica tinha dois canais de comunicação e divulgação do campo.

Se, em 1948, Ley rechaçava a obra de Bailey, convém questionar como houve um movimento de transformação para que em 1970 a obra tomasse um estatuto completamente diferente, ao mesmo tempo que recebia e se transformava no prêmio de reconhecimento crítico em torno da legitimação do estudo da Ficção Científica. O artigo de Clareson anteriormente mencionado, que foi publicado em 1953 na *Science Fiction Quarterly*, parece ser um marcador das mudanças.

The Evolution of Science Fiction é um texto surpreendente em diversos aspectos. Escrito em um teor didático e refinado, a partir do uso e discussão de referências literárias e teóricas, a aposta de Clareson foi perceber que a Ficção Científica vinha sendo definida a partir de critérios subjetivos, feitos por aquilo que o autor chamou de "entusiastas". Assim, a partir de preferências pessoais, estes valorizam certas histórias e ignoram outras. Além disso, essa relatividade desconsiderava que tal literatura fazia uso de formas epistêmicas de sua época e que estas adquiriram caráter obsoleto com o passar do tempo.

A tipologia proposta por Clareson almejava construir uma percepção sobre a história da Ficção Científica em vista de quatro grandes grupos. O primeiro seria tudo aquilo que veio antes do século XIX e serviria de base para a posterioridade. O segundo era datado do começo do XIX, principalmente com o retorno do Romantismo e a maneira como diferentes autores se apropriaram de propostas científicas em suas histórias. O terceiro abrangeria o fim do XIX e o

começo do XX, no qual o desenvolvimento das ciências da geologia, psicologia, biologia e arqueologia, bem como física e química, tornaram possível uma produção que segue até o começo da década de 1940. Por fim, o quarto grupo seria o período contemporâneo ao momento em que Clareson estava escrevendo, no qual ele reconhece que cada vez mais estava sendo feito o uso de questões de cunho sociológico e psicológico para pensar a relação entre homem, ciência e sociedade.

O argumento de Clareson vai ganhando forma a partir de referências ao conhecimento científico e como este impacta as obras de literatura que o circundam. A reação da literatura não é pensada apenas em vista de uma escolha superficial de autores e histórias – tal como Ley tinha acusado Bailey de fazer. Clareson opta por usar referências acadêmicas como James Gunn, e Dorothy Scarborough

Retomando os critérios de Ley para arguir contra Bailey, percebemos que Clareson estabelece uma estratégia retórica sólida, que combina erudição acadêmica e estilo de divulgação científica, afinal se tratava de algo que estava sendo publicado em uma revista de histórias de Ficção Científica, e não em um periódico científico. Clareson circula entre as teorias científicas e a literatura com uma fluidez tamanha, o que contribui para a construção do seu principal argumento – a Ficção Científica como uma arte original que, a partir do contato com o conhecimento sociológico e antropológico, deixou de ser uma literatura orientada apenas nas plots, mas sim nos personagens. A Ficção Científica era tanto uma forma de análise e interpretação do mundo, quanto um espaço para especular sobre seu futuro.

2

Em 1971 é lançado *SF: The Other Side Realism, e*ditado por Clareson, o livro tem cerca de 360 páginas, sendo publicado pela Bowling Green State Press. Clareson escreve o artigo introdutório, mas mobiliza um vasto conjunto de contribuições. Entre elas estavam Judith Merril, Brian W. Aldiss, Samuel R. Delany, James Blish, Norman Spinrad, H. Bruce Franklin, R. D. Mullen, Robert Plank, Alex Eisenstein, Mark R. Hillegas, Franz Rottensteiner, Stanislaw Lem e Alexei Panshin[155].

155 No ano seguinte Clareson organizou um novo volume com o título de Science Fiction Criticism: An Annotated Checklist, agora com o selo da editora da Kent State University. O caráter dessa segunda publicação difere da primeira e visou oferecer um guia de tudo que havia sido publicado no âmbito acadêmico sobre Ficção Científica. Essa mesma editora também publicou Many Futures, Many Worlds: Theme and Form in Science Fiction e que seguia o modelo de organização de 1971, mas agora contava com outros nomes como Gary K. Wolfe, Robert H. Canary, S. C. Fredericks, para citar apenas alguns.

As contribuições de artigos com o formato acadêmico em revistas de Ficção Científica que, apesar de não contarem o prestígio da *Astounding* ou da *Amazing Stories*, marcaram a superação da hegemonia interpretativa representada por Ley. Cele Goldsmith assumiu em 1958 o cargo de editora da *Amazing Stories* e da *Fantastic* e passou a apostar em histórias que fossem menos viciadas num fetichismo tecnicista, como Campbell, Asimov e Heinlein tanto apreciavam, e experimentassem – tanto na sua forma quanto no seu conteúdo.

Um ano antes da ascensão editorial de Goldmisth, o teórico Northrop Frye (1957), lançou uma proposta de interpretação da literatura que viria a abrir caminho para o estudo do Fantástico. A frutificação disto ocorreu na década de 1970 com Tzvetan Todorov (1973), em paralelo com a criação do periódico Science-Fiction Studies por Richard Dale Mullen e Darko Suvin.

Assim como Gunn, abordaremos os trabalhos de Mullen em outras ocasiões. Por hora, entendemos que é suficiente estabelecer alguns apontamentos. Mullen nasceu em 1915 e, antes da guerra, ingressou na universidade, mas acabou optando por uma carreira de editor do jornal que pertencia à sua família. Todavia, no pós-guerra, tornou-se viável retornar para a universidade, vindo a ocupar o posto de professor na Indiana State University.

Mullen fazia parte da geração que na infância e juventude teve contato com as revistas de Ficção Científica, de modo que Edgar Rice Burroughs foi uma das suas primeiras referências. Contribuições na forma de resenhas e artigos para a Extrapolation feitas por Mullen começaram a aparecer na segunda metade da década de 1960, além de ser um dos colaboradores de Clareson durante a criação do SFRA.

Darko Suvin nasceu no território croata que, em 1934, era organizado pelo estado da Iugoslávia. A ascendência judaica foi suprimida por Suvin, que mudou o sobrenome quando o período de perseguição começou a se alastrar na Europa. Na década de 1960 assumiu o cargo de professor de literatura comparada na Zagreb University e migrou para os Estados Unidos em 1967 e depois para o Canadá, lecionando na McGill University.

Em uma entrevista para Horst Pukallus (1991), Suvin situou que o contexto de sua chegada, bem como o interesse por parte dos estudantes em debater a Ficção Científica eram consonantes com o crescimento de diferentes movimentos sociais que buscavam melhores direitos na sociedade norte-americana. Suvin afirmou também que aqueles pesquisadores que estavam interessados em estudar a Ficção Científica faziam parte de uma certa intelectualidade orientada para a Esquerda, interessados em pautas sobre as minorias, feminismo, pós-colonialismo etc, em oposição aos leitores norte-americanos brancos de classe média que consumiam aquela literatura.

Suvin, a partir duma criativa conjunção teórico-metodológica – que começou a ser desenvolvida no artigo de 1972, vindo a ganhar corpo nos seus trabalhos para o Science-Fiction Studies e sintetizada no seu livro de 1979 – que mobilizava Northrop Frye, Karl Marx, Mikhail Bakthin, Eric Auerbach, Henry Lefebvre, Émile Durkheim, Wolfgang Kaiser, Raymond Williams, entre outros. Aparato crítico que, em seu turno, era direcionado para as obras de Jack London, Yegveny Zamitan, Jules Verne, H.G. Wells, por exemplo. (SUVIN, 1972, 1979)

O artigo de 1972 que mencionamos foi publicado no periódico *College of English*, criado em 1939 e parte do *National Council of Teachers of English* e, portanto, de alto prestígio. O título escolhido por Suvin era provocativo: *On the Poetics of the Science Fiction Genre* e combinava questões teóricas textuais com inscrições sociológicas. Isto é, Suvin tinha em vista a comparação entre a representação científica que uma obra fazia e quais relações esta imagem tinha com o conhecimento científico na ocasião de sua produção. A análise da literatura era somada com a conceitualização da Ficção Científica como uma literatura de *estranhamento cognitivo*.

Pensar no estranhamento cognitivo era supor um espectro analítico que oscilava entre polaridades. Dum extremo estava a equivalência integral entre o mundo empírico do autor e aquele apresentado na sua literatura e do outro lado não era possível estabelecer qualquer equivalência. Aplicando isto na história da literatura, Suvin integrou a Ficção Científica como herdeira das utopias modernas, mas também das narrativas de viagem que proliferaram na Antiguidade.

A Ficção Científica e os mitos são situados num mundo metafísico que difere em grau daquele mundo do autor. Dito doutro modo, era impossível categorizar esse material no polo da equivalência total, todavia ainda era necessário uma diferenciação mais refinada. O *estranhamento* serve como um ato cognitivo e criativo, mas não é exclusivo da Ficção Científica e também se faz presente nos mitos, contos de fadas, bem como na fantasia. (SUVIN, 1972, p. 373–375)

Na proposta de Suvin, o mito apresentava as relações humanas como fixas e determinadas por agentes extra-humanos que ocupavam posições superiores – como deuses e espíritos. As narrativas míticas, apesar de serem dotadas de alto grau de variabilidade, mantém as estruturas rígidas relacionais e acabam por reafirmá-las. Três autores, Claude Lévi-Strauss, Carl G. Jung e Ernst Cassirer nos auxiliaram em compreender os contornos desta visão.

Para Claude Lévi-Strauss (1958) era uma necessidade do homem para o processo de criação cultural, sendo uma ferramenta que opera com o mundo natural estabelecendo valores e codificações. Tratava-se duma operação simbólica com signos, de modo que a experiência concreta e prática conferia lógica para a cultura. O circuito de afirmação da natureza pelo mito confere para este uma imutabilidade que Carl G. Jung (2014) viria a conceituar como arquetípica,

originando no coletivo e se manifestando no indivíduo a partir de imagens. Para Cassirer (1996, 2001, 2004, 2011, 2013), a definição do homem advém da sua capacidade de expressão e produção de imagens-mundo, isto é, formas simbólicas, como a linguagem, o mito, as religiões, as artes e as ciências. As formas simbólicas integram mecanismos de cognição, com regras morais e materialidades estéticas que ganham dinâmica a partir da dialética entre a vida (Leben) – a experiência do homem no mundo – e o espírito (Geist) – a reflexão do homem sobre o mundo.

O mito parte duma situação de desequilíbrio em função daquilo que se entende por mundo. Estranhamento que, ao longo da narrativa mítica, será neutralizado e resultará no equilíbrio, bem como na distribuição de atribuições morais, celebrando os heróis e punindo aqueles que atentaram contra a ordem natural (que é, em essência, natural).

No conto de fadas, Suvin pontuou que o autor cria um mundo paralelo que não tem correlação com o conhecimento científico nem com o ambiente social. Tapetes voadores e heróis pobres que se tornam governantes, exemplos dados por Suvin inclusive, não questionam as sociedades do autor, do leitor e nem a representação que esta faz doutras culturas. (SUVIN, 1972, p. 375)

O mundo da fantasia para Suvin opera com leis que, ocasionalmente, podem ter relação com o autor ou leitor, mas não se focam nestas. A categoria de fantasia utilizada por Suvin é vasta, incluindo desde os trabalhos de J.R.R. Tolkien, como as variações do gótico, bem como aquelas histórias que eram publicadas na *Weird Tales*, e que viriam a se popularizar com H.P. Lovecraft.[156] (SUVIN, 1972, p. 375)

Nos termos dos autores mencionados anteriormente, podemos pensar no Conto de Fadas em vista do pensamento de Lévi-Strauss enquanto uma narrativa que pode começar a partir de dados concretos (personagens), sendo informada por conteúdos do imaginário (fadas, anões, gnomos) e que se descola do concreto para oferecer algum tipo de formulação moral. Em uma perspectiva mais próxima de Cassirer, os contos de fadas não seriam uma outra forma simbólica, mas um tipo de forma simbólica mítica em que a orientação moral assume o posto de centralidade em relação ao campo do rito religioso e do sagrado. Em Jung os contos de fadas servem como outras roupagens dos arquétipos, mas seguem dependendo destes para existir na vida consciente.

---

156 Para Suvin, Lovecraft não poderia ser Ficção Científica, pois esse tipo de estranhamento não resultava numa crítica das suas possibilidades, aplicações, etc., mas num mero escapismo irracionalista. Discordamos deste tipo de interpretação, pois, ao trabalhar com uma categoria ampla, o resultado analítico é uma generalização que não considera as nuances que o estranhamento pode vir a ter. Exploramos noutra ocasião (BUSCH, 2019) como os protagonistas em Lovecraft eram cientistas, médicos ou detetives e, ao entrar em contato com formas de vida alienígenas, colocavam em cheque os limites da razão e do conhecimento científico.

Já no caso da Fantasia encontramos uma tensão e também um limite com o mundo empírico. Se a base para a separação entre natureza e cultura, como quer Lévi-Strauss, é constituída pelo contato material, as fantasias seriam uma negação disso. Convém pontuar que as fantasias para uma sociedade como a nossa, onde um certo tipo de pensamento científico é predominante, são diferentes das fantasias de uma outra sociedade, em que os padrões de referência são distintos. Diferentes práticas produzem diferentes ciências, algo que ganhou muito destaque nos trabalhos de Ursula K. Le Guin. A fantasia enquanto conceito geral é a negação de ambos. No viés de Jung, a fantasia não atravessa o sonho, mas também pode tomar o controle da consciência a partir de experiências que são nocivas para o coletivo[157].

Em uma perspectiva informada pela teoria de Cassirer, uma fantasia pode ser um momento no qual a forma simbólica passa a ter problemas para explicar um evento ou fenômeno. É o aparecimento de algo que não estava dentro daquele conjunto e que sua ressignificação e integração pode vir a fazer romper os próprios mitos[158].

Os modelos de extrapolação portam consigo um estranhamento científico e social, mas têm certas limitações, que se revelam pela própria realidade do autor. Um caso utilizado como exemplo por Suvin é *We* (1924) de Zamiatin.

Yevgeny Zamiatin (1884-1937) foi um engenheiro naval russo que era próximo dos bolcheviques durante a Revolução Russa. Responsável por traduzir trabalhos de London e Wells para o russo, sua crítica diante dos cerceamentos da liberdade tornaram sua posição frágil dentro da Rússia. Zamiatin escreve *We* e consegue enviar o texto para publicação nos Estados Unidos, sendo lançado em 1924. Uma cópia do texto em russo foi enviada para Marc Lvovich Slonim (1894 – 1976), que o publica em Praga. A resposta dos soviéticos foi a proibição do texto e também de quaisquer outras publicações do autor.[159]

A história de *We* se passa mil anos no futuro. O planeta é regido pelo Estado Único e todas as necessidades dos citadinos são providas por ele. A vida é organizada milimetricamente a partir de tempos específicos para o trabalho e o lazer (tabelas semelhantes àquelas do horário do trem). A sexualidade também está inscrita dentro da lógica do Estado que a regula a partir de um cupom rosa. O sexo é visto como uma atividade que deve ser regida por moderação. O protagonista é D-503, construtor chefe da Integral, apaixona-se por I-330. Suas experiências com ela são diferentes daquelas que ele havia tido antes. Ele começa a ter relações com ela fora do

157 Um exemplo é a fantasia da superioridade ariana, uma manifestação da sombra coletiva, que tomou conta da sociedade alemã durante a ascensão de Adolf Hitler.(JUNG, 1970) (BIALAS; RABINBACH, 2007; STAUDENMAIER, 2014)

158 Como exemplo podemos pensar na maneira como as ontologias ameríndias tiveram dificuldade em integrar a existência dos brancos e suas maneiras de sociabilidade, guerra e conquista. (CONKLIIN, 2001; LIMA, 1996; VIVEIROS DE CASTRO, 1986, 2009, 2011)

159 Sobre a relação de Zamiatin com Wells: (PARRINDER, 1973)

tempo especificado, quebrando as regras que haviam sido instituídas pelo Estado. A Integral estava sendo construída para levar a racionalidade do Estado para todo o universo e I-330 fazia parte de um grupo que almejava sabotar esse equipamento, bem como destruir um grande muro que separava o Estado de uma outra área que era habitada por humanos. A resposta do Estado foi remover completamente as emoções e a imaginação, mas os atos dos revolucionários conseguiram dar início a um processo de mudança dentro do próprio governo.

Pensando a partir do modelo de extrapolação proposto por Suvin, o que Zamiatin fez foi levar até a última consequência os modelos de pensamento que estavam circulando durante o período posterior da revolução russa. A lógica do Estado Único é uma extrapolação das possibilidades que o regime soviético poderia tomar. Mas a extrapolação também atinge o campo das ciências, na medida em que o Estado é regido por uma matemática e uma lógica minuciosa em que não há espaço para o irracional. Isso implica uma remoção da individualidade que começa com a organização da vida social, atravessando o controle do prazer e descambando na supressão das emoções e da imaginação.

Já o modelo analógico é situado por Suvin entre os trabalhos de Jorge L. Borges, Stanislaw Lem, Karel Capek, entre outros. Nestes, há um uso de analogias fornecidas pelo conhecimento filosófico que pode colocar em questão todo o conjunto de uma sociedade. Suvin reforça que não precisa ser uma mudança muito ampla, mas um mero detalhe que teria amplas consequências. Havíamos comentado, anteriormente, que os trabalhos de Lovecraft seriam inscritos por Suvin dentro do eixo fantástico. Ocorre que em 1975 Borges lançou um conto, dentro do *El libro de arena*, que fazia homenagem direta a Lovecraft (como consta na dedicatória): *There Are More Things*[160].

A história é focada na experiência do protagonista que, quando estava prestes a terminar sua graduação em Filosofia nos Estados Unidos, recebe a notícia de que seu tio faleceu na Argentina. A experiência de retorno é mesclada por relatos da sua infância e como seu tio era interessado por filósofos, pensadores e matemáticos que flertavam com o Idealismo.

Borges gasta muitas páginas para construir um emaranhado de referências que sustentam uma visão positiva sobre a racionalidade e a ciência. O protagonista vende a casa que seu tio morava para um forasteiro. Posteriormente ele descobre que o sujeito havia destruído grande parte da estrutura interior e essa curiosidade descamba em uma visita noturna na antiga casa, situação na qual ele encontrará uma criatura monstruosa que causa tamanho estranhamento que é impossível de ser descrita. Enquanto o modelo de extrapolação leva ao limite um tipo de

---

160 O livro foi escrito em espanhol e conta com uma coleção de contos. Todos os contos tinham títulos espanhóis, exceto esse que recebeu o título em inglês.

conhecimento científico e social, como o Estado Único no caso de Zamiatin, não é pautado para algo que esteja além. Os limites do Estado não são rompidos e uma forma de organização que seja pensada fora do eixo de "civilizados" vs "primitivos" não é criada. A limitação do estranhamento cognitivo nesse caso é a limitação da própria especulação sobre a sociedade. Na extrapolação, de uma perspectiva unilateral acaba sendo revelado que há um outro lado possível.

Já na analogia há outra intenção. No caso de Borges, a analogia parte do idealismo filosófico e o coloca em xeque propondo uma existência que não é passível de ser pensada pelos critérios da relação entre sujeito e objeto. A analogia não está propondo uma leitura materialista do mundo que seria oposta ao idealismo. Ao contrário, o que ela faz é ir além dessa oposição e produzir um estranhamento cognitivo que coloca em questão os critérios-base que serviam para construir o idealismo.

O artigo de Suvin marcava uma posição que entendemos ser de máxima importância: a literatura ficcional não deveria contradizer a ciência do período. Por exemplo, ao analisar uma obra como a de H.G. Wells, era necessário verificar se as propostas científicas que aparecem seguem o modelo científico do período em que o texto foi produzido. Tratava-se de não julgar equívocos científicos do passado a partir de critérios do presente. A Ficção Científica não deveria ser um mero manual ilustrado da ciência e sim partir da imaginação, gerar problemas para a ciência revelando seus limites a partir da extrapolação e da analogia.

Suvin publica sua resenha sobre Clareson em 1973 no *College of English*, o mesmo periódico que havia publicado seu artigo anterior. O primeiro ponto levantado por Suvin é o de que os textos que Clareson organizou haviam sido escritos na década de 1960 e poderiam ser divididos em dois conjuntos: um grupo limitado pela crítica do século XIX e outro que não era limitado. Suvin inclusive considera que Clareson está no grupo dos limitados, pois, não mobiliza conceitos que haviam se tornado importantes para a crítica literária (principalmente após o Novo Criticismo).

O que mais incomodou Suvin foi a presença de dois artigos sobre J. G. Ballard (1930-2009) enquanto Olaf Stapledon recebia menos que meio comentário. Além disso haviam artigos que beiravam a inutilidade, como um que comentava sobre as publicações de *The Time Machine* de H.G. Wells, bem como a ausência de revisão para a publicação final, de modo que a bibliografia omite obras fundamentais e não há um index. Por fim, Suvin considera que *SF: The Other Side of Realism* é uma obra necessária para os estudantes de Ficção Científica, mas sua leitura era, no mínimo, problemática. Como a primeira antologia de criticismo de Ficção Científica e de pesquisa, ela tinha a oportunidade única de aproveitar a nata do campo e fornecer uma

introdução mais do que necessária, bem como um acompanhamento para o ensino de um curso balanceado. Essa oportunidade foi desperdiçada.[161]

Em 1972, Bailey foi republicado pela Greenwood Press. A arte da capa original de Ronald Clyne foi substituída por uma genérica de Josiah Lupton e um ensaio introdutório redigido por Clareson foi integrado e em 1977, Clareson recebeu o prêmio *Pilgrim*, indicando que o campo reconhecia seus esforços em torno do estudo da Ficção Científica. Ainda no século XX, em 1996, a SFRA criou um outro prêmio dedicado àqueles que estiveram envolvidos com a Ficção Científica como um todo, fosse nos termos de seu ensino como de sua transmissão e circulação. Assim, surgiu o *Thomas D. Clareson Award for Distinguished Service* e Frederick Pohl, o editor que havia publicado a dissertação de Gunn, foi o primeiro a receber a honraria.

3

Rascunhamos algumas respostas para as inquirições que fizemos no começo deste capítulo. Falar sobre o estudo da Ficção Científica é pensar no lugar de produção e circulação desta literatura, mas também compreender que as dinâmicas instauradas numa década são reconfiguradas na confluência de mudanças históricas, sociais, individuais e, principalmente, intelectuais. O estudo da Ficção Científica transitou para o espaço universitário por conta da soma de interesses pessoais, desdobramentos de eventos históricos e variações internas que, uma vez evidenciadas, nos ajudam a compreender um pouco mais deste processo.

A visão negativa de Bailey que foi proposta por Ley tinha uma composição teórica e ocultava uma mobilização de sociabilidades – editor-autor-leitor – que foram evidenciadas pelas demandas temporais que eram externas. Clareson, Mullen e Suvin instauram uma outra rede de sociabilidade que contava com um contexto de mudança nas revistas, seja pela popularização dos livros, como também o surgimento de posturas editoriais que se diferenciavam de Campbell, junto com autores que experimentavam novos caminhos para a Ficção Científica e, não menos importante, uma nova geração de leitores.

Estudar Ficção Científica era produzir a sua história e a sua definição e, para fazer isso no espaço universitário, colocava-se em cena propostas teóricas e metodológicas que dialogavam com a tradição literária que já era celebrada, compartilhando alguns elementos com esta, mas dum modo ou doutro, diferenciando-se.

---

161 No original: "As the first anthology of SF criticism and scholarship, it had a unique opportunity to skim the cream of the field, and give us a much-needed introduction to it as well as a much-needed companion to teaching a balaced course. This opportunity has been blown." (SUVIN, 1973, p. 1150)

Referências

ALDISS, Brian W. **Billion Year Spree - The True History of Science Fiction**. New York: Doubleday & Company, 1973.

ALDISS, Brian; WINGROVE, David. **Trillion Year Spree: The History of Science Fiction**. London: Paladin Grafton Books, 1988.

BAILEY, James Osler. An Early American Utopian Fiction. **Am. Lit.**, v. 14, n. 3, p. 285–293, 1942.

BAILEY, James Osler. **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**. New York: Argus Books, 1947.

BUSCH, Willian Perpetuo. **História da Ficção Científica nos Estados Unidos: do herói cientista de John W. Campbell ao herói antropólogo de Ursula Kroeber Le Guin**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BUSS, Jared S. **Willy Ley - Prophet of Space Age**. Gainesville: University Press of Florida, 2017.

CLARESON, Thomas D. The Evolution of Science Fiction. **Science Fiction Quarterly**, v. 2, n. 4, p. 85–108, 1953.

CLARESON, Thomas D. **Understanding Contemporary American Science Fiction: The Formative Period, 1926-1970**. Columbia: University of South Carolina, 1990.

LEY, Willy. Book Review. **Astounding Science Fiction**, v. 41, n. 1, p. 153–156, 1948.

MOSKOWITZ, Sam. **The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**. New York: Hyperion, 1974.

NEVALA-LEE, Alec. **Astounding - John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert A. Heinlein, L. Ron Hubbard and the Golden Age of Science Fiction**. New York: Harper Collins, 2018.

NICHOLLS, Peter. Ley, Willy. *In*: CLUTE, John; LANGFORD, Jonathan; NICHOLLS, Peter; *et al* (Orgs.). **The Encyclopedia of Science Fiction**. London: Gollancz, 2018. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/ley_willy>.

PUKALLUS, Horst. An Interview with Darko Suvin: Science Fiction and History, Cyberpunk, Russia. **Sci. Fict. Stud.**, v. 18, n. 2, p. 253–261, 1991.

SHIPPEY, Tom. Literary Gatekeepers and the Fabril Tradition. *In*: WESTFAHL, Gary; SLUSSER, George (Orgs.). **Sci. Fict. Canonization, Marginalization Acad.** Westport: Greenwood Press, 2002, p. 07–24.

STOVER, Leon E. Anthropology and Science Fiction. **Curr. Anthropol.**, v. 14, n. 4, p. 471–474, 1973.

STOVER, Leon E. **La Science-Fiction Américaine: Essai d'anthropologie culturelle**. Paris: Aubier Montaigne, 1972.

SUVIN, Darko. SF: The Other Side of Realism by Thomas D. Clareson. **College English**, v. 34, n. 8, p. 1148–1150, 1973.